

**ASSIGNATURAS
PARA A CAPITAL**

Anno	10\$000
Semestre	5\$000
Trimestre	3\$000
Mes	1\$000
Numero avulso	\$800

O CRUZEIRO

Orgão dedicado às letras, pilheries
e noticioso

PUBLICAÇÃO SEMANAL

**ASSIGNATURAS
PARA O INTERIOR**

Anno	12\$000
Semestre	6\$000
Trimestre	3\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Redactores e colaboradores: di-
versos

Veritas super omnia

Escritorio da Redacção: Rua Côrto
Magalhães n. 20

O CRUZEIRO

Perspectivas

Não foram baldadas nem tão pouco infundadas as considerações emitidas pelo "O Cruzeiro", quando em diversos artigos se occupou da então futura "Exposição Nacional", a qual agora se realisa por entre manifestações de justa alegria que se expande dos corações brasileiros—sentindo-se cheios de nobre e auspicio—so impulso—diante da triumpante exhibição que se faz na capital da Republica, dos principaes productos brasileiros sob diversas formas exuberantemente prodigalisados e ostentados pelo seu grande e fértil solo e pelo que liberalizam as artes e industrias professadas e praticadas por todo o territorio da União.

Por uma feliz coincidência quando se tratava dos preparativos da Exposição Nacional Brasileira, já um outro concerto se effectuava em Haya (capital Holandesa) do congresso da paz. Lá, nesse glorioso certamen, seguro desmentido dos retrogrados preconceitos de pessimistas que não crêem ou não conhecem o evolucionismo que não pára nem deixa de agir no espirito da humanidade. Lá nesse concurso social scientifico em que as nações cultas do velho e novo continente fizeram se representar por luminares nas pessoas de seus illustres filhos, o Brasil, a cubizada gemma da America Meridional, teve seu nome elevado a altura de um conceito juridico e transcendentalmente economico—conceito esse que foi bem paten-

teado pelo respectivo delegado que teve feliz desempenho no cargo, valendo-lhe victoriosa admiración com que os seus pares fizeram entusiastica aclamação ao seu luminoso programma que foi lido no Congresso da Paz Universal. Ray Barbosa, o illustrado brasileiro, além dos applausos que recebeu no estrangeiro, em sua patria ainda alcançou mais uma vez uma grandiosa ovação como de experiencia, que bem vale dedicar-se ao preparo pelo cultivo das faculdades, promovendo o maior desenvolvimento da intelligencia e do espirito.

E que bello exemplo para seus jovens patricios!

Dissemos que não foram baldadas as boas apreensões que suggeriram-nos de que poderiam produzir para o futuro do nosso paiz o congresso de Haya e a Exposição Nacional.

Pois bem; o resultado já se fez sentir. Quanto ao 1.º, muito tempo ainda temos que esperar para que se faça completa luz do conjunto dos programmas apresentados e lidos no congresso, sendo provavel a convocação para uma nova e mais circunstanciada agremiação. Como a natureza não dá saltos, a humanidade também obedece aos gradativos impulsos que se operam no seu seio, em marcha para a perfectibilidade. Quanto ao 2.º, não podia ser mais liçongeiro o resultado conseguido na Exposição brasileira. No dominio da realidade já os productos do nosso rico paiz, sob as variadissimas formas, animal, vegetal, mineral, artistico, industrial etc, seguem seu curso de publicidade pelo mundo.

Sahindo do terreno dubio da probabilidade, os Estados da União entram para o vasto campo da

verdade—positiva, fazendo-se exhibir publicamente sem rebuços de metaphoras.

Feliz ideia da Exposição Nacional! Esperemos pelos beneficos efeitos.

Que continuem no laudavel e nobilissimo systema de concurso e das iniciativas sob qualquer ponto de vista, e dos esforços das Nações e dos povos surgirá o desejado progresso.

Da continuação dos congressos juridicos e sociaes depende a solução da harmonia universal, assim como de proseguimento das Exposições lutarão os povos para o melhoramento de productos benficiores da saúde e de raças.

Os especimenes remetidos à Exposição pelo Estado de Mattogrosso já é um eloquente attestado da actividade e applicação dos mattogrossenses.

Iluminação publica

Antes, consideravamos a illuminação publica da nossa cidade, um problema irresoluvel, porém agora, já podemos ver o contrario e que a solução deste problema vai dar um resultado satisfactorio.

Com effecto, graças ao zelo e boa vontade do digno intendente municipal, tenente coronel Julio Muller, vemos que a nossa illuminação publica tem melhorado bastante.

Os antigos lampejos quebrados com lamparinas indesejadas e sujas estão sendo substituidos por outros lampejos novos, pintados, asselados e com lampadas de tubos.

Tem sido, também, além disso, augmentado o numero de lam-

peões de algumas das nossas ruas, nas quaes, antes, haviam poucos ou nenhum.

Deste modo a iluminação pública vai bem.

Com este melhoramento as nossas ruas ficam bem iluminadas, claras, pois com as lampadas de tubos os lampeões não ficam enfumacados de modo a turvar os raios luminosos.

Alem disso, o serviço de acender e limpar os lampeões tem sido bem feito e regular.

Seguindo sempre assim, teremos brevemente a nossa Cuiabá com uma excellente iluminação.

Nestas linhas, O Cruzeiro, em nome da nossa população agradece ao illustre intendente municipal pelo melhoramento com que está dotando a nossa Cuiabá, e tambem ao illustre profissional Salvador Stabillito pelo bom serviço que tem feito para esse melhoramento, como construtor dos nossos lampeões e como encarregado da iluminação publica.

Pois, graças a estes dois homens zelosos e trabalhadores podemos contar com a resolução desse difficilissimo problema — a iluminação publica.

Consta-nos tambem que a municipalidade pretende contractar ou já contractou com o mesmo Sr. a iluminação de algumas das nossas ruas a gaz acetylene.

Esta medida é digna de applausos e esperamos sel-a em breve posta em pratica.

Notas da semana

Recreio Juvenil

Com o titulo acima, inaugurou no Sabbado ultimo no 3.º districto da capital, mais um theatrinho dirigido por uma pleiade de esforçados amadores.

Foi levada á scena as seguintes peças: *A morada da felicidade*, interessante comedia que trouxe em contínuas gargalhadas os espectadores; *O testamento do tio*; *A justiça divina* (drama) e a farsa *O aniversario da mulher*. As demais, nada deixaram a desejar, pelo bom desempenho por parte dos personagens. *O Cruzeiro* agradecendo a amabilidade do convite que lhe foi dirigido, tem a honra de felicitar os desvelados campeões do *Recreio Juvenil* pelo triumpho assim obtido.

Convida-se todos os socios ainda nlistados no Club Minerva, a comparecerem ás 2 horas da tarde de 4 do corrente, na casa n. 66, da Rua 13 de Junho, a fim de tratarem de assumptos urgentes, prevenindo de antemão que se resolverá com qualquer numero de socios.

Aniversario

Antecipadamente «O Cruzeiro» envia as suas felicitações ao distincto advogado sr. Manoel Pereira de Souza, redactor da nobre collega «A Voz do Povo»; pelo seu anniversario natalicio a 3 do corrente, desejando dilatados annos ao lado da luminosa carreira que abraçara.

Revista Mato Grosso

Recebemos o n. 9 desta importante revista, que faz publicar mensalmente o Lyceu Salesiano. Alem dos bons e variados trabalhos de sciencias lettras e artes, destacam-se os importantissimos *Apontamentos avulsos* colleccionados e burniados pelo fallecido Barão de Melgaço e cuja publicação é feita sob os auspícios do illustre cidadão Estevam de Mendonça. Estes apontamentos contribuem efficazmente para o estudo da historia de Mato Grosso. Ao lado, em pagina de honra, está estampado em modesto clichê, a tumba dos bacharelados formados em 1907.

Agradecemos.

Consortio

Depois de amanhã em a residência do Sr. Major Unilio Calhau, uni-seão pelos laços matrimoniaes o Sr. Hermenegildo Amarante com a senhora Olga de Mattos irmã do nosso amigo Joaquim Frederico de Mattos.

Um porvir repleto de felicidades, auguramos aos jovens nubentes.

Aves implumes

Este é o titulo de um mimoso livro de versos, que o seu auctor, nosso dedicado amigo Casimiro Cunha, residente em Vassouras, Rio, teve a gentileza de nos enviar pelo ultimo paquete.

O *Aves implumes* está dividido em duas partes: a musa espirita e a musa profana; ali acham-se bellas produções, que logo á primeira vista, reconhecem-se filhas de verdadeira inspiração. Casimiro Cunha é, embora cego, um poeta inspirado e de valor, digno de figurar na primeira fila do Pantheon Brasileiro; o seu lyrismo é bello e sua metrificacão impecavel.

Quem ler o *Aves implumes*, verá que os mimosos versos que contém, esse livro, foram escriptos ao correr da penna e não a martelladas.

Transcrevemos em seguida o bello soneto «Folhas Perdidas» do *Aves implumes*, para dar aos leitores uma idia do livro de Casimiro Cunha. Este soneto é bello, na expressão da palavra, a forma é magnifica, o pensamento encantador. Nos decasyllabos do soneto «Folhas Perdidas» estão representadas a belleza, formosura e inspiração com as quaes Casimiro Cunha sempre burla os seus versos.

Folhas perdidas

Vão-se, do ramo as folhas, uma a uma,
Levadas pelas brisas docejanantes,
Como se fossem pétalas de rosa
Ou borboletas de azas palpitantes...

Vão-se, das agnias côres na espuma
Algumas floribam, muitas, inconstantes,
Rolam no campo e na floresta umbrosa,
Folhas vagam pelo céo, fluctuantes.

Tambem, dos homens, folhas se despegam
Uma por uma: ideias, chiméras, sonhos
De amor, de gloria e de prazer, querida.

Mas... passa o inverno, e os bellos dias
legam
Novas folhas ao ramo; e a nós—tristes—
(nhos,
Outras não cedir, nunca mais, a vida!

Agradecemos sinceramente ao nosso bom amigo, a mimosa e gentil offerta que fez ao «O Cruzeiro».

O primeiro beijo

Era no paraizo. Adão e Eva passeavam juntinhos pelos jardins celestes; admiravam a belleza daquellas flores vicejantes, cujas pétalas de cores sublimes, variadas; tinham odores celestiaes, divinos, jamais vistos sobre a terra recém creada.

Contemplavam absortos, admirados o esplendor magnifico, encantador do vestuario verde, nito verde, das plantas, daquellas lindas plantas cultivadas com summo cuidado e dedicacão pelas mãos delicias e niveas dos formosos anjos de azas brancas, como as tí garças timida.

Caminhando, chegaram em um lugar onde comçava o esplendido pomar, adornado ricamente pelas variadas, inumeras e

copados arvoredos frutíferos, nos ramos verdejantes das quaes, os passarinhos garrulos e mimosos construíam admiravelmente os seus ninhos encantadores.

Na hora em que passeavam esses dois entes humanos, únicos que verdadeiramente gozaram as delicias do paraíso, era já quasi noite; as aves todas estavam já a porta de seus ninhos, promptos para se recolherem; as arvores enviavam um ultimo adeus ao dia, baloiçando levemente os seus ramos; um vento brando e suave soprava amenamente, arripiando de leve as pennas dos passarinhos de plumagem encantadora.

No ramo de uma copada arvore estavam dois bellos mimosos pombinhos que, ao se recolherem ao seu quentê e agradável ninho, beijaram-se contentes e alegres, cheios de amor e de caricias.

Eva e seu companheiro assistiam esse espectáculo tão bello quanto encantador, e Adão, imitando o pombinho formoso que tocava amenamente, apazivelmente os biquinhos nos da compacheira, tambem collou os seus labios aos rubros e carnosos de Eva, experimentando então ambos, um prazer intenso e indefinivel, intimo e nunca visto até ali por elles e que ambos completamente desconheciam.

E de tal modo foi que conheceram o beijo...

Portella Moreira.

COMO AS FLORES

Para o Marianno Figueiredo.

Zila, a meiga Zila, nasceu numa clara manhã de Maio, entre os sorrisos da primavera, e juntamente com os lirios que despontavam no jardim...

Ao seu venturoso nascimento, festejaram em harmoniosos accordes as bandas musicas dos passarinhos; nos ramos verdes e floridos, e a fada da felicidade, descendo um raio daquelle sol primaveril, veio beijal-a no terço onde ella dormia candidamente entre uma nuvem de pannos...

E quando ella nasceu, no firmamento gozou Deus accendeu mais uma estrella...

E, como as plantas, que a força de carinhos e de agrados, vão se desenvolvendo, Zila, entre os affagos da familia de quem ella era o unico guizado, ia crescendo e enrobustecendo a olhos vistos...

E que bonita que era!
Morena, de olhos negros e vivos, labios rubros, rechamehada e louca...

O encanto da casa, a flor do bairro, diziam della todos que a viam.

Tocava Zila os 9 annos... Mais alguns dias e, na familia, em festa, ia se comemorar o seu faustoso natal...

Mãe entrara, trazendo a alegria de sempre e reconfortando nos corações...

Como era de costume, desde os primeiros dias desse mez já se preparava tudo para a festa; faziam doces; bolos, e era uma faia por todos aquellos dias, na casa da formosa menina...

Approximase o desejado dia. Zila, alegre, andava a cantarolar, a pular, a rir, numa alacridade de passarinho, apimando toda a casa.

Na vespera do anniversario — 5 de Maio, Zila amanheceu doente: uma pontinha de febre, muito pouca e verdade, mas que impediu-a de levantar e ir brincar.

Que tristeza na casa! Justamente na vespera do dia em que ella mais alegrava a todos, ia a doer?

Ao meio dia, contra toda a expectativa, a febre não cessara, antes augmentara de intensidade. Uma dor apparecera, de lado, que muito a incommodava.

Chama um medico!... Vem o doutor, que muito triste, depois de estudar bem a molestia, declara que a menina está ameaçada de um caso grave de pneumonia, e que — isto elle disse, muito baixo, para que a mãe não ouvisse, corria muito perigo... Enfim... veremos, acrescentou com um ar de desalento.

A noite Zila ardia em febre... As faces cobriam-se de um vivo rubor, e parecia, cada uma, uma rosa vermelha...

Seria muito doloroso acompanhar a marcha da molestia cruel: basta dizer que, em dois dias, Zila

transmudou-se totalmente, e a menina alegre e viva de antes, ficou reduzida a uma frágil criança, magra e triste...

E ao fim do 3.º dia, de tarde, á luz melancolica de um crepúsculo maguado, Zila fechou os olhos para sempre...

No outro dia quem passasse por lá havia de ver o... No caixão: sinho azul, vestida de azul, cercada de flores azues...

Diz-se-hia dormindo, de um doce somno... As faces pallidas pareciam duas aquencas fanadas: nos labios inda adejava a sombra de um sorriso e na face calma havia uma serenidade e uma doçura infinitas...

Lembro-me que algum vendoa, e recordando a sua curta vida, curta e risonha, de 9 annos, disse: «Era uma flor: foi como as flores»...

Onde já se viu uma flor viver longo tempo? Era natural que ella morresse...

E eu, repeti, commovido, no intimo: E verdade, foi como as flores... 1908

José B. de Mesquita.

Num postal

A' alguém

III

Teu nome... Tenho-o na mente; na minha imaginação elle vive eternamente o eu repito-o docemente no fundo do coração.

Teu nome tem tal doçura, tal belloza e tal noção que, quando o digo, a ventura illumina e transfigura o meu triste coração.

O' celestial creatura, teu nome é a minha oração! *Lenel.*

APOBRESINHA

Pela estrada uma velhinha,
Já pela idade alquebrada,
Por molestias maltratada,
A passos lentos caminha.

A porta de uma casinha
Ella descansa assentada,
Alli dão lhe uma esmolinha,
Fazendo-a mais consolada.

E é triste vel-a ajoelhada,
Pedindo o auxilio-dos céus,
Para morrer descançada.

E é triste vel-a chorando,
De porta em porta, implorando
Escola em nome de Deus!

Guabá — 26 — 3 — Og

Lauro Ramos.

OUTONO

A meu irmão Mariano, A. de Figueiredo.

Ledo favonio brandamente
Corre entre as folhas d'um cicio;
Foi-se a estação deste anno ardente;
Vem outra agora; é morto o estio.

Tardes de Abril, manhãs de Maio!
Salve! Magnifica fructura
Tudo avicenta. Eu mesmo saio;
E a natureza me depura.

A relva é fresca; o prado ameno,
A lymphe clara que irradiia,
O céu de um puro azul sereno;
Tudo respira mais poesia.

Chegou o doce outono. Azulebas,
A busca de outro clima, em bando,
Garrulas vão as andorinhas
Para as regiões do sul, vando.

Deixam, porém, uma lembrança;
Uma saudade aos que ficaram.
Como, no peito, uma esperança
Resta das outras que se alçaram.

Ninhos a beira dos riachos.
Pennas esparsas nos terreiros;
Recordações dos emigrados
Bandos alegres, prazentosos.

Oh! andarilhas que vagais
Além, nos parcos celestes,
Longo de mim cada vez mais,
Porque levai não me quizesdes?

Ab Eldorado descoberto
Pôr vós, há pouco, em excursão,
Lá no país do céu deserto,
Lá onde as nymphas sempre estão.

Vão convosco as illusões
Que me abandonam nesta vida,
Vão procurar as solidões
De alguma TERRA prometida.

Luiz Ferecino.

O menino e o cão

X.

Uma tarde, desceram mãe, filha e criada, foram banhar-se no rio que demorava pouco da habitação. Rio quasi estreito; por isso mesmo corria com alguma velocidade. Cada qual vestiu seu frage proprio de banho e meteu-se a n'agua. Faziam exercicio de natação sem afastar, porém, da parte de pouca profundidade onde podiam facilmente alcançar o fundo com o pé. Apostas, risos e mais risos.

Subito a creança desapareceu arrebatada pela corrente. Relancearam olhares, procuraram d'aqui, d'aquelle, chamaram, gritaram, pediram soccorro. Uma afflicção rapida invadiu o corpo da pobre mãe. João ouviu o alarido; correu, voltou aquella direcção. Indagou do occorrido. Despiu á pressa o pesado paletó e conservando a

calça arremessou-se ao rio. Veludo foi-lhe no encaicho. Parou, ao meio, observou em torno. Nenhum vestigio da victima. Mergulhou. As pessoas da praia o esperavam com ansiedade. Segundos contavam-se por horas; minutos, por dias. João veio á tona; renovou o ar dos pulmões, correu a mão pelo rosto para afastar as gotas d'agua accumuladas nas ceilhas e pestanas. As narinas affogavam. Submergiu de novo. Veludo deixara-se levar, até certo ponto; pelo fio d'agua, perlustando a direita, a esquerda, á frente. Tudo parecia consueto. Esperado alguma coisa começou estrolando á flor d'agua. Era a creança. João nadou com impeto e alcançou a volta proxima do rio onde o cão mais perspicaz que o homem conseguira, com a devida cautella, segurar a afogada na boca. O menino estreitou-a ao peito, e com um só brago forcejou por atingir á margem. Era difficil; a correnteza o arrastava. Entregou o fardo a Veludo, que tomando rumo differente, foi depôr a creança inanimada na praia donde saíra. A mãe chorosa recebeu-a e lhe subministrou os soccorros vitaes. Desde então, o menino e o cão tornaram-se parte integrante do lar que os obrigou. Não têm credito, leitores, á estas palavras esparsas aos quatro ventos—são bôlhas de sabão.

Luiz Ferecino de Figueiredo.

Rio.

A festa dos beijos

O Amor, para celebrar um de seus triumphos, deu em seu rico palacio, feito de sonhos e illusões, uma grande e brilhante festa a seus amigos—os Beijos.

Accitaram todos o convite e no dia marcado compareceram no palacio do amor.

Chega em primeiro lugar um numeroso grupo de creanças bulicosas e circuelesas, fazendo uma algazarra atrozadora com os seus risos. Erão os beijos da innocencia.

Apparece um outro grupo alegre, palrador e querido de todo o mundo, formado por moças de uma belleza fascinadora; são os beijos do amor.

Entra agora uma nobre dama, de aspecto sympathico e de olhar carinhoso; as creanças a cercam e se u-

garram ás suas vestes. E' o beijo da mãe.

Vem depois um moço magro, pallido, de olhos cavos e de longa cabelleira; é o beijo da pobreza.

E' o beijo romântico, o beijo ideal das moças sonhadoras.

Se faz annunciar um senhor de aspecto imponente, vestido de diplomata e ostentando em seu rico uniforme numerosas condecorações. E' o beijo do cumprimento.

Entra uma senhora palrada e esquisita, convidada que apparece em todas as festas, em todas as reuniões e se encontra em toda a parte, é de conversação insulsa e desabrida e não gosta de estadia.

E' o beijo trivial, secco e sem sabor, o beijo que uncam as moças quando se encontram.

Chega um cavalheiro correcto, attentivo e sympathico.

E' o beijo da amizade.

Vem acompanhado de uma senhora idosa, malconha veneranda e respeitavel.

E' o beijo do respeito.

Detem-se ante o portão da entrada uma carruagem magnifica.

Cachos de libras affressam-se em abrir as portinholas.

Desce um velho, a quem todos cumprimentam respeitosamente e cercam de especial consideração.

E' o beijo da veneração.

Apparece nos salões um tygo acatundadissimo, habrebi, que procura tornar-se agradável, porém o seu aspecto é repugnante.

Todos fogem d'elle.

E' o beijo de Judas o beijo da trahição.

Bello repleto os salões do palacio do Amor; os convidados embriagam-se ao prazer da conversação; no ambiente vibra a musella dulcetosa de seus risos e vozes.

O amor annuncia aos seus convidados que vão começar o baile.

A orchestra preludia os accordes da primeira valsa, quando entra de improviso uma mulher de sombrio aspecto e pallida semblança, que não foi convidada.

No velá, todos fogem e a festa termina brusquemente.

E' o beijo frio da morte.

(Traduzido de Charles Ledgard por J. M.)

Um sujeito que estava pescando á linha, dizia com os seus ho-tões:

—As raparigas são como as linhas dos pescadores, cujo anzol é o olhar e a isca o sorriso. O amante é o peixe que com o es- eaboche do confugo ves vae para a frigideira da sogra.

Typ. d'OPharol